

DITONGAÇÃO E MONOTONGAÇÃO NAS CAPITAIS BRASILEIRAS

Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal do Ceará – UFC
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Projeto ALiB

Introdução

Ao analisar material fonético-fonológico colhido pela pesquisa do Atlas Linguístico do Brasil. – Projeto ALiB nas Capitais brasileiras, percebemos a grande ocorrência de ditongação e, paradoxalmente, de monotongação, em posições onde elas não existem tradicionalmente.

Num primeiro momento, pode-se pensar numa variação diatópica, marcando as regiões a que pertencem essas capitais. Contudo, ao analisarmos trabalhos semelhantes realizados em outras regiões do país, constatamos a ocorrência dos mesmos fenômenos nessas regiões, donde se pode descartar a hipótese de variante regional.

Percebe-se, ainda, que todos os trabalhos realizados utilizam *corpora* de linguagem popular, o que marcaria uma variação diastrática e não diatópica.

A dúvida seria, então, em que nível se dá a ditongação e a monotongação e que fatores linguísticos e extralinguísticos são responsáveis por essas variações.

1. DITONGO, DITONGAÇÃO, MONOTONGO E MONOTONGAÇÃO

1.1. Ditongo

O ditongo é um dos elementos linguísticos existentes nas línguas de modo geral e sua existência na língua portuguesa é registrada desde o latim até nossos dias. O latim clássico possuía quatro ditongos [ae], [oe], [aw] e [ew]. Esses ditongos latinos seguiram dois caminhos diferentes na passagem para o português: ou se ampliaram em novos ditongos ou se monotongaram.

Definindo ditongo diz Catford (1988, p. 116) que eles são sequências:

[...] percebidas não como dois elementos em separado, mas como um som de transição, de ligação, que se inicia no primeiro elemento e liga-se ao segundo.

A língua portuguesa possui, atualmente, em condições normais 36 ditongos, sendo 15 decrescentes e 21 crescentes, do seguinte modo:

1.1.1. Decrescentes

1.1.1.1. Orais: [ay, Ey, ey, □y, oy, uy, aw, Ew, ew, iw]

1.1.1.2. Nasais: [ãy, y, õy, y, ãw]

1.1.2. Crescentes

1.1.2.1. Orais: [ya, yE, ye, yi, y□, yo, yu, wa, wE, we, wi, w□, wo, wu]

1.1.2.2. Nasais: [yã, y , yõ, wã, w , w , wõ

Essa classificação de ditongos, em crescentes e decrescentes tem gerado muitas discussões e alguns estudiosos chegam a dizer que a língua portuguesa não tem ditongos crescentes, mas apenas decrescentes, como Câmara Jr.(1979:54) ao dizer que os verdadeiros ditongos em português são os decrescentes; os crescentes variam livremente com o hiato (su-as) /suas/.¹

Tal ideia é também defendida por Bisol (1991:56) quando diz que o português não tem ditongos crescentes usando como principal argumento para essa afirmação o fato de que o glide, na sequência GV, normalmente está em variação livre com a vogal homorgânica, dizendo que o ditongo crescente é, pois, sempre resultado de ressilabificação.²

Para ela, a sequência glide-vogal é o resultado da ressilabificação pós-lexical, ou seja, os ditongos crescentes não fazem parte do inventário fonológico do português, e surgem da fusão de rimas de suas sílabas travadas, enquanto VV é uma sílaba aberta.

Câmara Jr.(1970) apresenta alguns argumentos para a alternativa VV:

A alternativa VV é considerada melhor, a partir dos seguintes argumentos:

- a) o “r” apresenta-se como forte depois de uma sílaba travada: Is [r]ael, hon[r]a, mas não depois de ditongo: au[r]ora, eu[r]opeu, portanto a sílaba com ditongo não é travada.
- b) Um ditongo passa facilmente a um monotongo: Ca[y]xa > caxa
- c) A facilidade com que se passa de um ditongo para um monotongo /c[ay]xa, c[a]xa, a variação livre da divisão silábica na sequência átona de vogal + vogal alta (vai-da-de – va-i-da-de) ou mesmo a fácil passagem de /i/ assilábico para [e] em papa[e], evidenciam, segundo Câmara Jr. que os dois elementos estão ligados ao núcleo: (alternativa VV).

Complementa Câmara Jr.(1970) dizendo que:

[...] a semivogal é de natureza vocálica e ocupa com a vogal silábica o núcleo da sílaba e não comuta com consoante, mas o ditongo inteiro comuta com a vogal simples (leu, lê). Outra razão para analisar os ditongos como VV é a de que os

¹ CÂMARA JR. J.M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979, p. 54.

² BISOL. L.O ditongo em português. *Boletim da ABRALIN*, n. 11, p. 51-58, jun.1991, p.56.

glides não são considerados como elementos do inventário fonológico do português. (apud BISOL, 2001:113).

Couto (1994: 130-131) rebate essa ideia, mostrando que “há casos em que é indubitável a existência de ditongos crescentes que não estão em variação livre com hiatos, ou seja, com os dois segmentos dominados por um só núcleo [...], dando uma série de exemplos que comprovam essa afirmação: *ideia, meia, boia, apoio e tapuia*.³

Aqui, consideramos, a partir do nosso *corpus*, que há ditongos crescentes, embora em menor número e em menor quantidade de realização que os decrescentes.

A partir dessas discussões os ditongos são divididos de modos diferentes, de acordo com as teorias e os autores que os estudam em: *pesados* ou *verdadeiros*, com duas posições na rima e constituem uma sílaba complexa, e *leves* ou *falsos*, com uma só posição na rima, tendendo a desaparecer. *Estáveis*, em que a vogal assilábica encontra-se depois da silábica, [V+SV], *variáveis* em que a vogal assilábica encontra-se anterior ao núcleo silábico, [S.V. + V]. *Fonológicos*, que têm valor distintivo / ‘ma - ‘maw/ e *fonéticos* se são apenas realizações diferentes de um mesmo grupo vocálico pronunciado na mesma sílaba, como em [‘kayda - ‘kada].

Assim, pode-se resumir os tipos de ditongos do seguinte modo:

- Ditongo Pesado > Verdadeiro > Fonológico - “caule” / ‘kawII/ [‘kawli]
- Ditongo Leve > Falso > Fonético – “peixe” / ‘peySI / [‘peSi]

Faraco (2003, p. 38) conceitua ditongo numa perspectiva normativa:

Podemos conceituar ditongo como o encontro de duas vogais ditas numa sílaba (num único impulso de voz). Uma dessas vogais será |i| ou |u|, pronunciadas com maior fechamento da passagem do ar, o que as transforma em semivogais, passando a ser representadas pelos símbolos |y| e |w| do alfabeto Fonético Internacional.

1.2. Ditongação

A ditongação, ao que tudo indica, é um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim, existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala.

A partir disso, está à mercê das variações de todos os tipos, das puramente linguísticas, ligadas aos contextos fonéticos imediatos, anterior ou posterior, à velocidade de elocução, ou tamanho da palavra, por exemplo, às sociolinguísticas, especialmente ao nível ou registro de fala.

³ COUTO, H. H. Ditongos crescentes e ambissilabidade em português. *Letras de Hoje* 98, p. 129-141, 1994.

Ao definir a ditongação Xavier e Mateus (s.d.: 123) dizem que ela é a:

Transformação de uma vogal em ditongo: um segmento vocálico desdobra-se em dois segmentos, isto é, produz-se um processo de diferenciação tímbrica (ou ditongação) no interior de uma semivogal em posição pré ou pós vocálica.⁴

Ao tratar dos casos de ditongação na língua portuguesa moderna Câmara Jr. Diz que:

No português moderno deve-se a ditongação em dois casos: 1. vogal tônica em hiato, quando a) média anterior com o desenvolvimento de um ditongo /éy/ ou /êy/, indicando na grafia moderna (ideia, veia); b) média posterior fechada com o desenvolvimento de um ditongo /ôw/ não indicado na grafia e inexistente nas zonas dialetais em que houve a monotongação do ditongo /ôw/ - boa – bôwa. 2. Dialetalmente, pela vogal tônica final travada por /s/ pós-vocálico, com o desenvolvimento dos ditongos de pospositiva /y/, pás, és, fez, sós, flux, cãs, pronunciadas / pays, feys, sóys, fluys. Dá-se então a neutralização da oposição entre ditongo e vogal simples, desaparecendo a distinção, no caso 2, por exemplo – pás e pais; sós e sóis, flux e fluís, cãs e cões.⁵

1.3. Monotongo

O termo monotongo não é usado com muita frequência, a não ser quando se trabalha com a monotongação. Alguns autores se referem a ele quando tratam de monotongação e/ou ditongação, para mostrar o processo de redução do ditongo que perde sua semivogal e passa a uma vogal simples. Neste caso, monotonga-se, ou ao caso da vogal simples, monotongo, que se espraia num ditongo.

Para Hartmann e Stork (1976:144), monotongo é:

Um único som da vogal sem nenhuma mudança na qualidade do início ao fim de sua produção, ao contrário de ditongo.⁶

O monotongo é uma vogal pura, no dizer de Crystal (1980:230). Para ele, monotongo é:

[...] termo usado na classificação FONÉTICA da vogal com base em seu MODO DE ARTICULAÇÃO: refere-se a uma vogal (A VOGAL PURA) onde não há nenhuma mudança detectável na qualidade durante uma SÍLABA [...].⁷

⁴ XAVIER, M.F. et MATEUS, M.H.M. *Dicionário de termos lingüísticos*. V. I. Lisboa: Cosmos, s.d., p. 123.

⁵ CÂMARA JR. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 100

⁶ HARTMANN, R.R.K. et STORK, F.C. *Dictionary of language and linguistics*. London: Applied Science Publishers, 1976, p. 144. A single vowel sound with no change in quality from the beginning to end of its production, as opposed to diphthong

⁷ Crystal, D. *A first dictionary of linguistics and phonetics*. London: André Deutsch, 1980, p. 144. [...] term used in the PHONETIC classification of vowel on the basis of their MANNER OF ARTICULATION: it refers to a vowel (A PURE VOWEL) where there is no detectable change in quality during a SYLLABLE.

1.4. Monotongação

Em direção contrária à ditongação, a monotongação é vista como uma redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa, no dizer de Xavier e Mateus, também tem sido estudada dos mais diferentes pontos de vista, ora como uma variação fonética, de facilidade de articulação, ora como uma marca sociolinguística e dialetal.

A monotongação é, segundo Trask (1996:226): “Qualquer processo fonológico no qual um ditongo é convertido em monotongo”.⁸

Câmara Jr. ao falar sobre monotongação reforça seu caráter puramente fonético ao mostrar que apesar do ditongo ser monotongado, na grafia ele permanece. Em suas palavras, monotongação é:

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido o monotongo ou /ô/, em qualquer caso, e ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiante (p)ouca, (b)oca, (c)caixa, como acha, (d)deixa, como fecha.⁹

2. A DITONGAÇÃO E MONOTONGAÇÃO EM CAPITAIS BRASILEIRAS

Ao analisarmos o *corpus* do projeto Atlas Linguístico do Brasil, relativo às Capitais, percebemos a tendência, que o *corpus* total do ALiB poderá confirmar ou não, do uso da ditongação e da monotongação pelos falantes com perfis os mais variados: homens e mulheres, jovens e idosos, pouco escolarizados ou muito escolarizados das capitais brasileiras.

Em um primeiro momento, pode-se pensar numa variação diatópica, marcando uma determinada região. Contudo, ao analisarmos trabalhos semelhantes realizados em outras regiões do país, constatamos a ocorrência do mesmo fenômeno nessas regiões, donde se pode descartar a hipótese de variante regional.

Percebe-se, ainda, que todos os trabalhos realizados utilizam *corpora* de linguagem popular, o que marcaria uma variação diastrática e não diatópica.

A análise aqui apresentada foi feita com uma amostragem de 200 (duzentas) entrevistas, com informantes de 25 capitais brasileiras. Nela, procuramos descrever e analisar a realização de vogais puras que se ditongam e de ditongos que se monotongam, correlacionar esses fenômenos com os contextos linguísticos em que foram produzidos, e, de forma ainda não tanto profunda, estudar as implicações sociolinguísticas de tais usos.

⁸ TRASK, R.L. *A dictionary of phonetics and phonology*. London/New York routledge, 1996, p. 226.

⁹ CÂMARA JR. op. cit. p. 170.

2.1. O *Corpus* Analisado

Para a realização deste trabalho, usou-se a seguinte metodologia, já consagrada pelo Projeto ALiB:

2.1.1. Escolha das localidades

Foram escolhidas 25 capitais brasileiras, a saber:

- Região Norte: Manaus, Belém, Macapá, Boa Vista, Porto Velho e Rio Branco;
- Região Nordeste: Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa, Teresina, São Luís, Natal e Fortaleza;
- Região Centro Oeste: Cuiabá, Campo Grande e Goiânia;
- Região Sudeste: Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória;
- Região Sul: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

2.1.2. Informantes

Os informantes são em número de 200, sendo 08 para cada localidade, e apresentam as seguintes características:

- Faixa etária: de 18 a 30 e de 45 a 65 anos;
- Gênero: Masculino e Feminino;
- Escolaridade: até a 8ª série do Fundamental e Ensino Superior;
- Origem: nascidos na localidade, de pais também nascidos na localidade.

Com o *corpus* assim organizado foi possível detectar as variações diatópicas – regionais; diageracionais – quanto à idade; diassexuais – quanto ao sexo; diafáticas – quanto ao registro de fala.

2.1.3. Itens Lexicais selecionados

Os itens lexicais analisados foram colhidos a partir do Questionário Fonético-Fonológico (QFF).

Para o estudo da ditongação escolhemos as questões:

- Questão 09 – **luz** – *Quando está escuro é porque faltou o que? [quando falta energia é que ficou sem?]*

- Questão 21 – **arroz** -... *o que se come no almoço, uns grãosinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?*
- Questão 63 – **três** – *O que é que vem depois de dois?*
- Questão 64 – **dez** - *O que é que vem depois de nove?*
- Questão 86 **giz** - ... *aquilo branquinho, assim (mímica), que serve para escrever no quadro, na escola?*
- Questão 137 – **voz** - *Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa...?*
- Questão 155 – **paz** – *Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: Me deixe em ...*

Para o estudo da monotongação escolhemos as questões:

- Questão 03 – **prateleira** -...*aquilo assim (mímica), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.*
- Questão 05 – **caixa** – *Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de que?*
- Questão 06 – **tesoura** -... *o objeto com que se corta tecido?*
- Questão 35 – **manteiga** - ... *aquilo que se passa no pão e se faz de nata do leite?*
- Questão 91 – **bandeira** – ...*aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco?*
- Questão 115 – **ouvido** – *E esta parte aqui dentro, (apontar) que se tem que limpar com um algodão em um palito ou um cotonete?*
- Questão 135 - **baixa** – *qual é o contrário de alta?*

3. ANÁLISE DO CORPUS

3.1. A Ditongação de Monotongos

Neste estudo procuramos descrever e analisar a realização de monotongos que se ditongam com a semivogal [y], correlacionando esse fenômeno com os contextos linguísticos em que foram produzidos, e analisar as implicações dialetais e sociolinguísticas de tais usos.

3.1.1. O Uso da Ditongação com a Semivogal [y] nas Capitais Brasileiras

Para a ditongação foram analisadas 07 questões, com os 200 informantes, num total de 1400 ocorrências. Das ocorrências válidas restaram 1350 dados para análise. Isto porque o informante respondeu com outra variante do item lexical, que não a esperada.

3.1.1.1. Parâmetros Linguísticos

Para nossa análise partimos de alguns parâmetros linguísticos, entre eles:

- a) Tipo de vogal que se ditonga

As vogais orais: /a, V, e, i, S, o, u/ podem se ditongar no falar das Capitais Brasileiras, como nos exemplos:

- / a / “paz” / ‘paz / [‘pays]
- / E / “dez” / ‘dEz / [‘dEys]
- / e / “três” / ‘tPes / [‘tPeys]
- / i / “giz” / ‘Ziz / [‘Ziyz]
- / □ / “vós” / ‘v□s / [‘v□ys]
- / o / “arroz” / a’ |oz / [a’ |oyz]
- / u / “luz” / ‘luz / [‘luyz]

A vogal /i/, contudo, teve uma ocorrência inexpressiva como ditongo.

b) Contexto Posterior

Os contextos favorecedores da ditongação foram os fonemas / s, z / e o arquifonema / S /, resultado da neutralização dos fonemas / s, Σ /, em posição final de palavra, como nos exemplos:

- “paz” / ‘paz – ‘paS/ [‘payz]
- “três” / ‘tPes – ‘tPeS/ [‘tPeys]
- “vós” / ‘v□s – ‘v□S/ [‘v□ys]
- “arroz” / a’ |oz – a’ |oyS/ [a’ |oyz]

c) Tonicidade

A sílaba tônica é a que facilita a ditongação. Nas palavras com mais de uma sílaba, a tônica final favorece a ditongação, como nos exemplos:

- “arroz” / a’ |oz - a’ |oyS/ [a’ |oyz]
- “bem” / ‘b / [‘b y]
- “estás” / Is’tas – iS’tays/ [iΣ’tays]
- “francês” / fPã’ses - fPã’ses / [fPã’sseys]

d) Extensão da palavra

A extensão da palavra também é outro fator decisivo para a ditongação. À medida em que aumenta o número de sílabas, a possibilidade de ditongação diminui. Palavras monossilábicas e dissilábicas são as que mais se ditongam, como nos exemplos:

- “três” / ‘tPes - ‘tPeS/ [‘tPeys]
- “mês” / ‘mês - ‘mês / [‘meys]
- “feroz” / fE’P□z - fE’P□S/ [fE’P□yz]
- “rapaz” / la’paz - la’paS/ [la’payz]

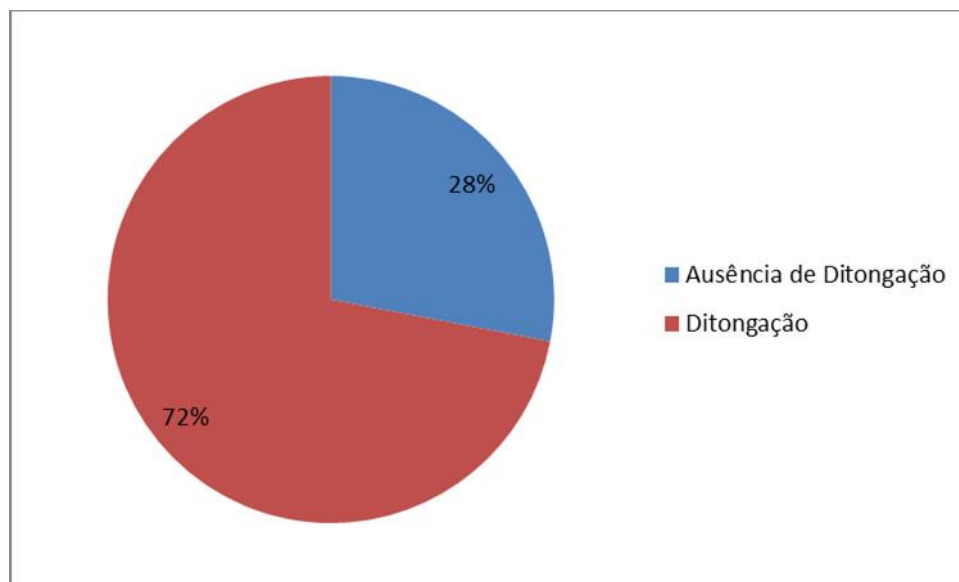
e) Registro

O nível ou registro que mais favorece a ditongação é o coloquial, informal, familiar, mesmo com informantes de maior escolarização.

3.1.1.2. Parâmetros Dialetais e Sociolinguísticos

Quanto aos parâmetros de localidade, dialetais ou diatópicos, e sociolinguísticos ou diastráticos: Faixa Etária, Sexo e Escolaridade apresentaram percentuais insignificantes no tocante à ditongação.

Gráfico 1. Percentual de ditongação nos itens lexicais analisados



Do total de ocorrências válidas restaram 1350 dados para análise, dos quais 972, ou 72% se ditongaram e 378, ou 28% não se ditongaram.

3.2. A Monotongação dos Ditongos

3.2.1. Monotongação dos Ditongos / ay, ey, ow /

Neste estudo procuramos descrever e analisar a realização de ditongos em [ay, ey, ow] que se monotongam, correlacioná-los com os contextos linguísticos em que foram produzidos, e analisar as implicações dialetais e sociolinguísticas de tais usos.

Para a monotongação foram analisadas 07 questões, com os 200 informantes, num total de 1400 ocorrências. Das ocorrências válidas restaram 1380 dados para análise. Isto porque o informante respondeu com outra variante do item lexical, que não a esperada.

No caso do ditongo / ow / houve uma grande ocorrência de variação para / oy /, como em “loura” /'lowPa / > ['loyPa].

3.2.1.1. Parâmetros Linguísticos

a) Contexto posterior

Os fonemas consonantais, / Σ, Z, P / em posição posterior ao ditongo, facilitam sua monotongação, como nos exemplos:

- “baixa” /'bayΣa / ['baΣa]
- “caixa” / 'kayΣa / ['kaΣa]
- “beijo” / 'beyZU / ['beZu]
- “queijo” /' keyZU / ['keZu]
- “touro” /towPU / ['toPu]
- “couro” /' kowPU / ['koPu]

b) Extensão da palavra

Quanto maior o número de sílabas na palavra, mais a monotongação ocorre, como nos exemplos:

- “prateleira” / pPati'leyPa / [pPati'lePa]
- “peneira” / pe'neyPa / [pê'nePa]
- “tesoura” / tI'zowPa / [tí'zoPa]
- “ouvido” / ow'vidU / [u'vido]
- “manteiga” / mã'teyga / [mã'tega]

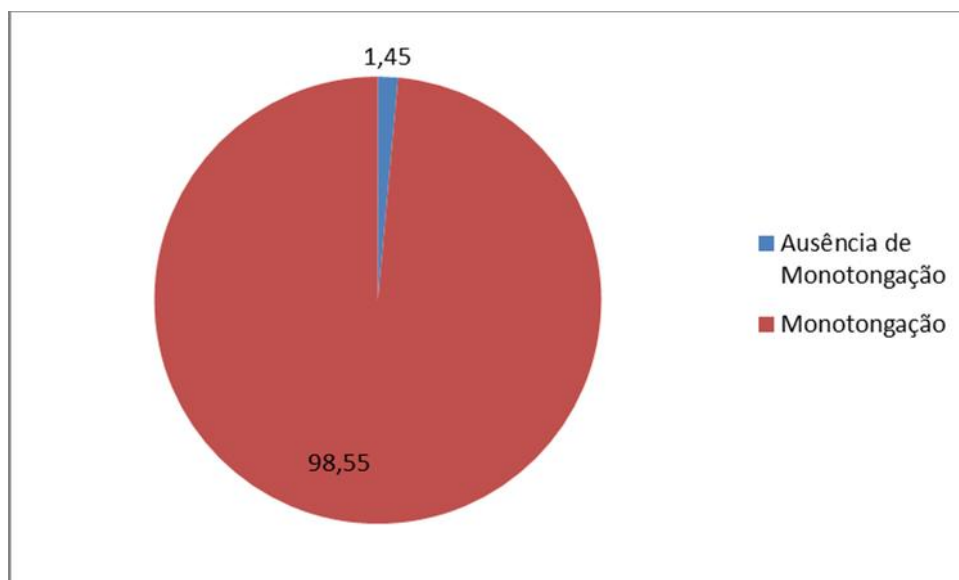
c) Tipo de registro

O nível ou registro que mais favorece a monotongação é o coloquial, informal, familiar, mesmo com informantes de maior escolarização.

3.2.1.2. Parâmetros Dialetais e Sociolinguísticos

Do mesmo modo que a ditongação, a monotongação não está, em nosso *corpus*, relacionada à origem geográfica dos informantes, ao sexo, à idade, tampouco à escolaridade. A monotongação está relacionada com o nível ou registro coloquial ou informal, uma vez que mesmo os informantes de nível superior, em elocuições mais formais, monotongam sistematicamente os ditongos.

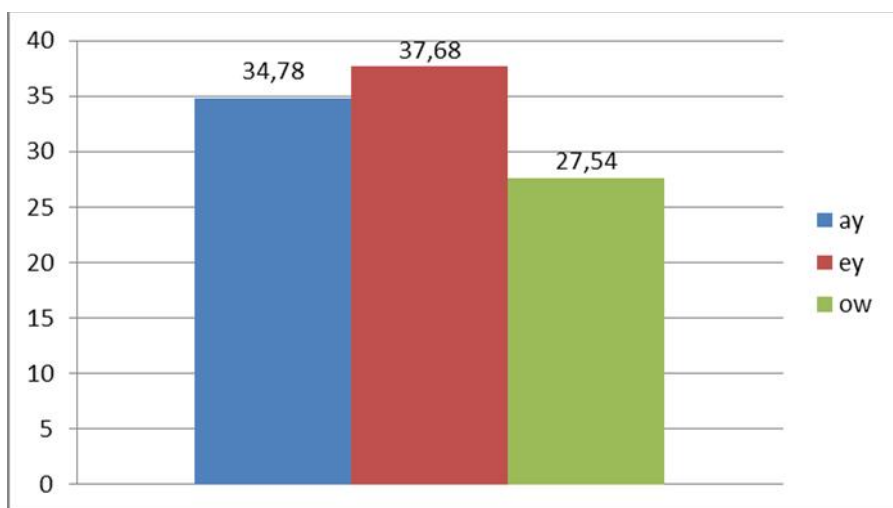
Gráfico 2. Realização total de / ay, ey, ow/



Do total de ocorrências válidas restaram 1380 dados para análise, dos quais 1360, ou 98,55% se monotongaram e 20, ou 1,45% não se monotongaram.

A frequência de ocorrência dos ditongos / ay, ey, ow / que se monotongaram é, não só bastante significativa, mas com valores muito aproximados.

Gráfico 3. Realização de / ay, ey, ow/



Do total de ocorrências válidas, 1380 dados monotongaram-se, dos quais [ay] 480, ou 34,78%; [ey] 520, ou 37,68% e [ow] ocorreu 380, ou 27,54%.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos este estudo da ditongação e monotongação no falar de informantes das Capitais brasileiras, do Projeto ALiB, tínhamos as seguintes hipóteses:

- a) A ditongação e monotongação constituiriam variantes regionais do português do Brasil;
- b) a ditongação de vogais puras e a monotongação de ditongos seriam marcas de variantes sociais relativas ao sexo, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes e o tipo de registro de fala;
- c) aliadas aos fatores diastráticos, estariam as variantes fonéticas, puramente linguísticas: tipo de vogal, contextos anterior e posterior, tonicidade e extensão da palavra;

A hipótese de variante regional ou estadual está totalmente descartada uma vez que os mesmos fenômenos ocorrem em diferentes regiões do país, comprovados por trabalhos de estudiosos que analisaram esses falares regionais, como o de Amaral (1920), para São Paulo; Monteiro (1933), para o Ceará; Marroquim (1934), para Alagoas e Pernambuco; Teixeira (1938), para Minas Gerais; Paes (1938) para o Rio Grande do Sul; Teixeira (1944), para Goiás; Nascentes (1953), para o Rio de Janeiro; e mais modernamente, Veado (1983), para Minas Gerais; Meneghini (1983) para Ibiriçá - RS; Mota (1986), para Sergipe; Paladino Neto (1990), para o Rio de Janeiro; Silva (1994) para o Rio de Janeiro; Bisol (1994) para Porto Alegre; Paiva (1996) para o Rio de Janeiro; Cabreira (1996), para Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre; Silva (1997), para a Paraíba; Molica (1998) para o Rio de Janeiro; Araújo, (1999) para Caxias RS; Araújo (2000) para o Ceará; Lopes (2002) para Altamira – PA; Aragão (2002) para Fortaleza – CE e Pereira (2004) para Tubarão SC, entre outros.

Nossa pesquisa não confirmou a hipótese de que a ditongação e monotongação seriam marcas de variantes sociais quanto à faixa etária e ao sexo. Confirmou-se, parcialmente, quanto à variante registro de fala, uma vez que se por um lado a escolaridade teve pequena importância, por outro, o registro de fala foi decisivo, ou seja, o registro coloquial, informal, e familiar foi o que mais favoreceu. Finalmente, os resultados confirmaram completamente a hipótese de variante fonética.

Assim, o fenômeno da ditongação e da monotongação no falar das Capitais brasileiras não é diatópico, é parcialmente diastrático e completamente linguístico: fonético por excelência.

Os resultados desta pesquisa não estão inteiramente de acordo com os resultados obtidos por alguns outros pesquisadores do mesmo tema, provavelmente pelos seguintes fatores:

- nossa pesquisa trabalhou com itens lexicais isolados, a partir do questionário Fonético-Fonológico do ALiB e não com itens lexicais inseridos em frases contextuais e completas;

- nossa pesquisa não elaborou uma análise acústica experimental com os dados colhidos;
- o *corpus* analisado é uma parte ínfima de todo o *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil, ora em elaboração

Contudo, os resultados obtidos são coerentes e certamente serão confirmados num trabalho com um *corpus* maior e mais complexo a partir dos demais questionários do ALiB, Questionário Semântico Lexical, Questionário Morfossintático, questões de Pragmática, Temas para Discursos Semidirigidos, Perguntas Metalinguísticas e Texto para Leitura, nas demais duzentos e vinte e cinco localidades, com mais novecentos informantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, M. S. S. Ditongação e monotongação no falar de Fortaleza. VI CONGRESSO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA. *Resumos*. Niterói: UFF, 2000.
- ARAÚJO, M. F. R. de. Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [Ey] no dialeto de Caxias (MA). *Revista Letras PUC-Campinas* 19 (1/2) 121-137, dez. 2000.
- BISOL, Leda. O ditongo em português. *Boletim da ABRALIN*, n. 11, p. 51-58, jun.1991.
- _____. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CÂMARA JR. J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CARDOSO, Suzana A. *Projeto Atlas linguístico do Brasil*. Salvador: UFBA, 1997.
- CATFORD, J.C. *Practical introduction to phonetics*. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas linguístico do Brasil – Questionário*. Londrina: UEL, 2001.
- COUTO, H. H. Ditongos crescentes e ambissilabidade em português. *Letras de Hoje* 98, p. 129-141, 1994.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- _____. *A first dictionary of linguistics and phonetics*. London: André Deutsch, 1980.
- FARACO, Carlos Alberto. *Escrita e alfabetização*. São Paulo: Contexto, 2013.
- HARTMANN, R.R. et STORK, F.C. *Dictionary of language and linguistics*. London: Applied Science Publishers, 1976.
- TRASK, R. L. *A dictionary of phonetics and phonology* London/New York: Routledge, 1996.
- XAVIER, M. F. et MATEUS, M.H. M. *Dicionário de termos linguísticos - V. I*. Lisboa: Cosmos, s.d.